

tando as larvas envoltas no algodão que segregam e que as abriga.

São estas em resumo as principaes informações que relativamente ao *psyllo oleæ* se encontram nos melhores auctores que d'elle se occupam e que temos presentes.

Os estragos porem, occasionados pelo insecto, limitar-se-hão tão sómente ao que deixamos atraz exposto?!

Não nos atrevemos por emquanto a emittir uma opinião segura, que possa traduzir-se n'uma resposta cathgorica á interrogação que acabamos de fazer, comtudo não devemos deixar de expor o que pensamos, que bem se poderá traduzir n'uma duvida.

Todo o olivicultor tem conhecimento d'aquellas excrescencias, especie de tuberculos, que se formam nos ramos mais novos e tenros da oliveira e que se vão observando progressivamente mais volumosas e desenvolvidas nos ramos de diferentes idades, até ás per-nadas mais grossas e desenvolvidas.

Estas excrescencias, crê-se geralmente que são devidas a uma transsudação de seiva, motivada pela picada d'um insecto.

A varios insectos é o mal attribuido, mas não temos conhecimento que até hoje, se determinasse um unico com probabilidades de acerto, quanto mais com a certesa da convicção.

No numero dos mencionados não nos consta que se conte o *psyllo* e comtudo quer-nos parecer que elle deve ser reputado, como muito suspeito, para que valha a pena estudal-o debaixo d'este ponto de vista.

Muito em resumo apresentaremos os principaes fundamentos da nossa suspeita.

Partimos da sua afinidade entomologica com a *phylloxera*, fazendo notar algumas semelhanças, assim como certos contrastes.

O *psyllo* é muito maior do que a *phylloxera*, vendo-se bem á vista desarmada, tem como ella uma tromba muito desenvolvida implantada pela mesma forma, munida de um sugadouro.

A picada e successão da *phylloxera* forma pequenas galhas no tecido linhoso das raizes das videiras, que se atrophiam.

A picada e successão do *psyllo* esterilisa a floração da oliveira e reveste-a com uma alva camada cotonosa, por vezes assaz densa para cobrir as flores e impedir mechanicamente a sua fecundação.

Não poderá a mesma picada dar logar á transsudação da seiva que occasiona as excrescencias, atrophando os tecidos lenhosos e alterando os succos seivosos?!

A accumulção dos insectos diz-se e nós tivemos occasião de o observar, é principalmente na assilla das folhas e nos pedunculos das flores ou dos fructos, sempre nos pontos, em que os tecidos são de mais recente formação, novos e tenros.

Depois que nos certificamos da existencia do *psyllo*, em todas as oliveiras, que observamos no decurso da primavera e estio passados e em que vimos excrescencias, sempre encontramos o insecto com maior ou menor intensidade.

Julgamos de grande interesse estudar-se a questão, não deixando pela nossa parte de proseguir nas observações encetadas, que na primavera proxima trataremos de methodisar o melhor possivel.

R. M.